

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE DESPORTOS - CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

KENIA DE ANDRADE MARTINS

CONDIÇÕES DE VIDA E DE SAÚDE COMO DETERMINANTES DO ESTILO DE VIDA
DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS,
SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS/DEZEMBRO/2010

KENIA DE ANDRADE MARTINS

CONDIÇÕES DE VIDA E DE SAÚDE COMO DETERMINANTES DO ESTILO DE VIDA
DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS,
SANTA CATARINA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenadoria de Trabalhos Monográficos do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Prof. Dr.: Edgard Matiello Júnior

FLORIANÓPOLIS/DEZEMBRO/2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

Termo de Aprovação

A Comissão Examinadora (Banca), abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia),

CONDIÇÕES DE VIDA E DE SAÚDE COMO DETERMINANTES DO ESTILO DE VIDA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLA PÚBLICA DE FLORIANÓPOLIS, SC

Elaborada por

KENIA DE ANDRADE MARTINS

Como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Comissão Examinadora (Banca): _____

Orientador – Prof. Dr. Edgard Matiello Júnior - UFSC

Membro – Profª. Ms. Cristiane Ker de Melo – UFSC

Membro – Profa. Ms. Gabriela Dalsasso Ricardo – UFSC

Suplente – Prof. Ms. Carlos Luiz Cardoso - UFSC

Florianópolis, SC, 07 de dezembro de 2010

DEDICATÓRIA

Relembrando toda a trajetória destes últimos quatro anos e meio, percebo que muitas pessoas passaram por minha vida. Algumas foram marcantes, outras apenas passaram, mas há sempre aqueles que continuamente permaneciam ao meu lado ajudando e me fortalecendo.

Começo por agradecer ao meu Deus e ao meu Anjo da Guarda, por sempre estarem ao meu lado em pensamento e atitudes, por me terem dado à honra de passar no vestibular de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, de ingressar uma turma tão dinâmica, heterogênea e querida e, por me fazer criar laços de amizade com amigos tão especiais como Mirelly, Carlos e Patrick.

Outro agradecimento especial a todos os professores do Centro de Desportos - CDS que de alguma forma engrandeceram-me com seus conteúdos e ensinamentos. Agradecimento especial também ao professor Edgard Matiello Júnior que me ajudou a concretizar esta etapa final e aos professores “Gente Fina” Cardoso e Adilson.

A Escola Dinâmica que estive em todos os momentos de caminhada, primeiro com todo o conhecimento adquirido sobre secretaria escolar e, depois, por oportunizar minha primeira experiência como professora de Educação Física. Obrigada às professoras da Dinâmica que me ajudam continuamente e pelo carinho. À Ana Patrícia e Heloiza que sempre me deram força e me ajudaram nas horas em que eu mais precisava.

À família agradeço a minha mãe Isa - Maria Isolete de Andrade Martins e a meu pai Amilton Rosalino Martins que me deram todas as oportunidades de pensar apenas na minha faculdade e no trabalho. Mas não somente isso, obrigado pelo porto seguro, pelos ensinamentos e broncas que me tornaram uma pessoa sincera e responsável. Não me esquecendo é claro do meu sobrinho querido e da minha irmã, à qual também dedico esta conquista. Família, sem vocês não consigo viver, AMO vocês.

Por último, e não menos importante, dedico ao meu companheiro e futuro marido Anderson toda esta jornada. Jornada esta que por muitos momentos tornou-se dolorosa, mas que me fizeram crescer muito como ser humano. Obrigado pelo amor, carinho, incentivo, paciência, pelos ensinamentos, pelas compreensões, etc, e por você existir em minha vida.

Enfim, obrigado vida por ter me oportunizado tantas coisas maravilhosas.

*“De tudo, ficaram três coisas:
A certeza de que estamos sempre começando,
A certeza de que precisamos continuar e
A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar.
Portanto, devemos:
Fazer da interrupção, um caminho novo,
Da queda, um passo de dança,
Do medo, uma escada
Do sonho, uma ponte
E da procura, um encontro.”*

[Fernando Sabino]

RESUMO

As condições de vida derivam das necessidades diárias de uma ou várias pessoas, supridas por meio de seu trabalho e/ou através de políticas públicas. Das relações do trabalho determinam-se os diferentes tipos de lazer e de saúde da população. Neste contexto, este estudo analisa as privações nas condições de vida, de trabalho e de lazer de escolares do ensino médio de escola pública. Foram entrevistados 7 (sete) estudantes trabalhadores da 3ª Série do Ensino Médio do período noturno, observando-se que a maioria destes alunos trabalham para suprir suas necessidades individuais. Foi apontado que o trabalho atrapalha: o horário de chegada na escola, o estudo e o lazer por falta de tempo e a saúde através do estresse e de acúmulo de trabalho para casa.

Palavras-chave: trabalho, lazer, condições de vida, saúde, escola.

SUMMARY

Living conditions are derived from daily needs of one or more people, met through their work and / or through public policies. From work relationships are determined the different types of leisure and health. In this context, this study examines the hardships in living, working and leisure facilities of high school students from public. Were interviewed 7 (seven) working students of 3rd grade of a Elementary School nighttime class observing that most of these students work to meet their individual needs. It was suggested that work hinders: the arrival time at school, study and leisure time and lack of health by the accumulation of stress and workhome.

Keywords: work, leisure, health, life condition, school.

SUMÁRIO

DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E OBJETIVOS	9
1 METODOLOGIA	12
2 RELAÇÃO ENTRE CLASSE SOCIAL, TRABALHO E ESCOLA....	15
3 CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS ESTUDANTES	21
4 CONDIÇÕES DE LAZER DOS ESTUDANTES	30
5 RELAÇÃO ENTRE TRABALHO, LAZER E SAÚDE	35
6 CONCLUSÕES	37
7 ANEXOS	42

DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E OBJETIVOS

O corpo humano é formado por aparelhos e sistemas que interagem e assim conformam suas características ao longo dos anos. A interação destes sistemas torna possível o ciclo vital do homem, permitindo-o que nasça, cresça, se reproduza, estude, trabalhe, envelheça e morra, porém, se algum destes sistemas se desorganizar pode-se interromper este ciclo de vida. Ao longo deste ciclo o homem constrói relações sociais interagindo com outras pessoas, formando assim famílias, grupos sociais, sociedades, populações, etc. (BARATA, 1997)

As populações são formadas e caracterizadas como conglomerados de pessoas que compartilham características similares de natureza cultural e socioeconômica. Dividem geralmente o mesmo território, constroem uma relação de família através da solidariedade e de ajuda ao próximo, dividem as suas características culturais e econômicas e assim se identificam e determinam uma identidade própria. Deste modo, acabam partilhando dos mesmos modos de vida e das mesmas condições de vida. (BARATA, 1997)

Como reafirma BARATA (1997, p. 65):

Como o homem vive em comunidades, compartilham um tempo e um território, condições de saneamento básico e relações de maior ou menor proteção ou de maior ou menor depredação do meio natural; reproduzir os seres humanos consiste em reproduzir, ao mesmo tempo, suas relações ecológicas, o ambiente residencial e o ambiente de trabalho.

Nesta perspectiva o trabalho tem um papel fundamental na construção dos modos de vida, das condições de vida e na determinação do estilo de vida. Consideramos como modos de vida a inserção do homem na estrutura do trabalho, ou quando dele se está excluído. As condições de vida derivam das necessidades diárias de uma ou várias pessoas, supridas por meio de sua remuneração (trabalho) e/ou através de políticas públicas que garantam a distribuição de bens de consumo coletivos. E estilo de vida enquanto conjunto de atitudes, hábitos, comportamentos, etc. (BARATA, 1997)

Por meio do trabalho também se determinam as condições de saúde da população. Isto porque através da remuneração e para determinadas categorias de trabalhadores, é possível intervir na saúde através do pagamento privado de Organização de Serviços de Saúde. A população que não dispõe de uma remuneração que seja possível o pagamento de convênios de saúde ou a empresa não disponibiliza convênios com este tipo de serviço, passam a depender do governo ou de favores para cuidar e guardar a sua saúde. (BARATA 1997).

O tempo e tipo de lazer também podem ser determinados pelo tipo de trabalho realizado. Dependendo da carga horária de trabalho, a pessoa pode ter mais “tempo livre” e desta forma pode otimizar este horário para atividades que caracteriza como lazer. O tipo de lazer também pode ser determinado dependendo da função realizada, das relações sociais provenientes desta função, da remuneração recebida e das condições físicas decorrentes do trabalho. (NEUBERT, 2006)

A partir da década de 1950 as correntes positivistas da Atividade Física relacionada à Saúde adotaram a noção preventivista e difundiram o termo estilo de vida “ativo” como símbolo da prevenção de doenças e promoção da saúde. Esta corrente procura melhorar, através dos exercícios físicos, o potencial físico e psicológico, por meio da melhora do tônus muscular, desempenho cardiovascular, diminuição do estresse, sensação de bem-estar, dentre outros. Estas melhoras da saúde só ocorrem ao nível individual, e deste modo, o indivíduo é responsável por suas ações e, por consequência, tudo que é relacionado à sua saúde é originado no seu modo de vida. (MATIELLO JÚNIOR; CAPELA; BREILH, 2010)

Recorrendo ao pensamento crítico da saúde coletiva, percebemos que: a) a realidade da saúde individual não coincide com a realidade da saúde populacional; b) a promoção de saúde é muito mais ampla e profunda do que a melhoria orgânica individual e uma suposta sensação de bem-estar; c) antes de atuar sobre o estilo de vida, no campo da saúde coletiva, considera-se modos de vida e condições de vida como determinantes do estilo de vida. (MATIELLO JÚNIOR; CAPELA; BREILH, 2010)

Considerando estes aspectos teóricos, nesta investigação, nos propusemos a refletir sobre experiência concreta realizada em escola pública estadual no município de Florianópolis, por ocasião da disciplina DEF - Estágio Supervisionado em EF I. Naquela oportunidade, no semestre 2009/2, observou-se que os alunos desta escola, em sua grande maioria, eram pobres, e que, mesmo assim, a escola não supria as necessidades destas crianças. Havia falta de merenda, de banheiros com esgoto e de chuveiros para banho. Estas privações acabam afetando as condições de vida destas crianças e, possivelmente, os seus rendimentos escolares.

Sabe-se que a educação pública vem sofrendo ao longo de muitos anos um processo de sucateamento, lotação e descrédito de sua imagem. Isto acontece para se manter a ordem social do sistema e a escola pública passa a ser uma mera formadora de mão-de-obra específica para a economia em questão e para as empresas instaladas nas suas proximidades. A escola torna-se a grande mantenedora da “*internalização*” dos interesses hegemônicos do capitalismo. (MÉSZÁROS, 2005)

Reafirmando o compromisso com a escola pública e com os alunos oriundos desta, este estudo tem como finalidade encontrar outras privações dentro e/ou fora da escola, no contexto do trabalho e lazer, e determinar as influências nas aulas de Educação Física. Isto se deu pela investigação do seguinte problema de pesquisa: quais as privações nas condições de vida, de trabalho e de lazer de escolares do ensino médio de escola pública?

Baseamo-nos em uma pesquisa realizada pelo UNICEF¹ – Fundo das Nações Unidas para a Infância – que classifica as pessoas como pobres, ou não, pela quantidade de privações que elas possuem no seu dia-a-dia, para construção do roteiro de entrevista. Escolhemos dois itens para realizarmos o estudo, sendo eles trabalho e lazer. Por meio destes itens, buscar-se-á, como objetivo geral, identificar as características do trabalho e lazer e suas determinações para a saúde e atividade estudantis. Como objetivos específicos: i) analisar a mútua determinação entre trabalho e as atividades estudantis; ii) analisar a determinação das condições de vida (trabalho e lazer) na saúde dos estudantes.

Como metodologia, nos apropriamos dos registros realizados em pesquisa participante realizada no meu estágio I no semestre 2009/2; das observações realizadas nas aulas da disciplina Estágio I da turma de Educação Física investigada no semestre 2010/2 e, posteriormente, as análises de documentos e entrevistas (relatórios de estágio de acadêmicos da Educação Física do Centro de Desportos, UFSC) com estudantes da 3ª Série do Ensino Médio noturno da escola.

No capítulo 2 buscamos apresentar a relação existente entre classe social, trabalho e escola, trazendo uma reflexão sobre a origem das classes sociais e a destinação dos diferentes tipos de escola e trabalho e, por conseqüência, o aparecimento do termo “mercoescola”. No capítulo 3 e 4 apresentamos um referencial teórico sobre o trabalho e lazer respectivamente, os quais foram relacionados com os dados coletados das entrevistas. Por último, no capítulo 5, relacionamos os dados estudados relativos a trabalho, lazer e saúde.

¹ Este estudo tem como título: A Pobreza na Infância em Moçambique: uma análise da situação e das tendências. Esta pesquisa foi realizada em 2006 pela UNICEF e está disponível em seu site. <http://www.unicef.org/mozambique/A_Pobreza_na_Infancia_em_Mocambique_Sumario.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2010

1 METODOLOGIA

Desde a conclusão do meu primeiro estágio realizado na EEB Getúlio Vargas em 2009/1, soube da importância de realizar estudos neste colégio com o intuito de retribuir a ajuda prestada, para estimular os professores que lá atuam e reafirmar o meu compromisso com a melhoria da escola pública, além de diagnosticar problemas que prejudicam a aprendizagem dos alunos, o andamento da escola e da comunidade. Por esta razão e através da experiência alcançada com o meu estágio, busquei elementos para a concretização do meu problema de pesquisa que fala sobre as condições de vida e de saúde dos alunos desta escola.

Dentre os muitos elementos que fazem parte da determinação das condições de vida e de saúde de uma população, escolhemos apenas dois elementos para a problematização da pesquisa: o trabalho e o lazer. Esta escolha deu-se através das leituras e análises dos relatórios apresentados pelos alunos concluintes da disciplina de estágio DEF 5872 – Estágio Supervisionado em Educação Física I, no semestre de 2010/1 realizado no Getúlio Vargas. Especialmente em um destes relatórios², foi relatado que os alunos do período noturno chegavam atrasados nas primeiras aulas, incluindo as aulas de educação física, em virtude de estarem trabalhando e saírem diretamente para a escola. Diante desta afirmação, voltei minha atenção para este relatório e, a partir disto, escolhemos a turma da 3º Série do Ensino Médio do período noturno para a realização da pesquisa.

Determinados os dois elementos do estudo, buscou-se encontrar a melhor forma de coletar estas informações. Primeiramente pensou-se em aplicar um questionário com perguntas fechadas sobre trabalho, saúde e lazer, mas recorrendo ao pensamento crítico da saúde coletiva esta forma de coleta não contempla todas as dimensões do ser humano necessárias para o diagnóstico de saúde. Em vista disto, recorreremos à formulação de um roteiro de entrevistas, pois nas entrevistas tornam-se possíveis a interação do pesquisador com o pesquisado e, desta forma, perguntas que poderiam ser negligenciadas ou falseadas são facilmente transcritas pelo entrevistador através da fala, expressões e movimentos corporais. As entrevistas também servem como meio de criar auto-reflexão, críticas e emancipação do ser humano.

O roteiro de entrevista (anexo A) foi idealizado com base no estudo realizado pelo UNICEF sobre privações na infância. Neste roteiro foram criadas dezoito perguntas abertas sobre trabalho e lazer relacionados à saúde. Na construção do roteiro de entrevista utilizou-se

² Relatório confeccionado na disciplina DEF 5872 – Estágio Supervisionado em Educação Física I, pelos alunos Ricardo Gesser da Costa e Diego Medeiros Franz

o conceito de trabalho como venda da força de trabalho em troca de um salário (Barata, 1997). Considerando que o conceito de lazer é extremamente complexo e que há divergências teóricas quanto ao seu entendimento, optamos por oportunizar aos estudantes que expressassem seus próprios entendimentos a respeito. É importante reconhecer que a própria pesquisadora não pode se aprofundar neste conceito a tempo, na medida em que este emergiu durante os momentos finais de elaboração do projeto.

Antes da aplicação das entrevistas, foram realizadas duas visitas por semana no período de 1/09/2010 à 26/10/2010 às dependências do Getúlio Vargas com o objetivo de realizar diagnósticos sobre o comportamento dos alunos, professores e direção, as relações sociais existente entre eles, o tipo de atividades realizadas pelos alunos e a forma como se organizam durante estas atividades. Algumas visitas foram realizadas durante o período matutino, para verificar se os problemas nas aulas de Educação Física, que aconteciam no meu primeiro estágio (2009/2), ainda ocorriam, outras foram realizadas no período da noite com a turma da 3^o série do ensino médio, com o intuito de conhecer a forma que se organizam as aulas de Educação Física e comparar com a realidade do turno matutino.

Por meio destas observações, escolhemos as aulas de Educação Física para aplicação do roteiro de entrevista por meio da forma de organização das aulas. Estas aulas aconteciam às terças e quintas-feiras no horário das 18h30min às 19h15min e iniciavam com poucos alunos. Alguns alunos ficavam sentados na arquibancada do ginásio, outros ficavam sozinhos chutando a bola na parede, dois ou três jogando vôlei e assim por diante, esperando a chegada dos outros alunos para formar dois times para disputa de uma modalidade esportiva.

Perante esta situação, e tendo em vista que não pretendíamos retirar os alunos de sala no meio das aulas das outras disciplinas e prejudicar o seu andamento, as entrevistas foram realizadas por três semanas nos horários das aulas da disciplina de Educação Física, sendo entregue no início da entrevista o termo de consentimento aos alunos. Os estudantes foram escolhidos por facilidade de acesso da pesquisadora, participando do estudo sete estudantes, sendo cinco do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idade (mediana) de dezoito anos, com a menor idade dezessete anos e maior vinte e sete anos. Por critério de exclusão utilizou-se: os alunos que não trabalhavam e os que não manifestaram interesse em participar da entrevista. Quando a pesquisadora percebeu que as informações eram suficientes para suas análises e que não haviam mais estudantes com interesse e tempo disponível para as entrevistas, esse procedimento foi encerrado.

Portanto, este estudo tratou-se de uma pesquisa qualitativa de tipo estudo de caso. Este tipo de estudo tem como principal objetivo a análise de um ambiente, de um simples

sujeito ou de uma situação particular, procurando responder o “por que” e o “como” certos fenômenos acontecem. No estudo de caso o pesquisador produz relatórios com narrativas, informações mais informais, exemplos e citações fornecidas pelos entrevistados entre outros, sendo que podem comportar dados quantitativos para explicar alguma questão do aspecto investigado. (GODOY, 1995)

2 RELAÇÃO ENTRE CLASSE SOCIAL, TRABALHO E ESCOLA

A lei de diretriz da educação de 1962 instituiu três tipos de escolas públicas (federalis, estaduais e municipais) e a constituição de 1988 estabeleceu a convivência das redes pública e particular. Para a rede particular, uma distinção foi estabelecida entre instituições com e sem fins lucrativos (escolas comunitárias, filantrópicas e confessionais) e estas divisões permanecem até os dias de hoje. (AKKARI, 2001)

Acompanhando a lógica de mercado capitalista a educação segue e reproduz a mesma lógica de mercado. As redes de ensino pública e particular surgiram para diferenciar o ensino dos alunos oriundos de diferentes classes sociais. A rede de ensino particular foi destinada aos filhos dos detentores do capital e a rede de ensino público foi destinada aos filhos dos trabalhadores que trabalhavam para o capital. (AKKARI, 2001)

A educação pública vem sofrendo ao longo de muitos anos um processo de sucateamento, lotação e descrédito de sua imagem. Isto acontece para se manter a ordem social do sistema e a escola pública passa a ser uma mera formadora de mão-de-obra específica para a economia em questão e empresas instaladas nas suas proximidades e a grande mantenedora da “*internalização*” dos interesses hegemônicos do capitalismo. (MÉSZÁROS, 2005)

A educação privada também sofre com as pressões exercidas pelo capital, mas esta pressão tem acontecido para favorecer a manutenção da economia vigente. O sistema tem um interesse nestes alunos oriundos destas escolas, pois o futuro da supremacia neoliberal dependerá destes alunos. Eles são os herdeiros do capital e da ordem econômica e deverão aprender a manter estas diferenças sociais. (MÉSZÁROS, 2005)

Tem-se observado um crescente número de escolas privadas nos últimos anos e a criação de várias faculdades particulares em decorrência de uma grande procura. Este “bum” se observou em virtude de uma nova forma de se avaliar a educação. Esta nova visão de educação tem sido vendida, atrelando a educação e tornando-a a única responsável pelo “status” ou classe social ao qual a pessoa se encontra.

Esta nova visão de educação tem servido apenas aos bolsos do poder econômico. Os alunos sendo transferidos para escolas particulares, deixam de ser responsabilidade do governo e passam a ser exclusivamente dos pais. Em conseqüência os pais destes alunos passam a gastar parte do seu salário, às vezes até o que não têm, para manter seu filho em uma escola boa e fomentar o sonho de melhorar as suas condições de vida.

Esta tendenciosa informação está gerando, além de lucros para o governo, novas formas de reorganizar a rede pública, já que esta está em decadência. Conforme Mészáros (2005, p.16) afirma, “*O enfraquecimento da educação pública, paralelo ao crescimento do sistema privado, deu-se ao mesmo tempo em que a socialização se deslocou da escola para a mídia, a publicidade e o consumo*”. Esta reorganização tem recebido o nome de Mercoescola e é referência a todas as disparidades realizadas na rede de ensino do país.

A fundamentação da Mercoescola acontece em dois princípios: o primeiro que visa à padronização dos currículos escolares com o objetivo de expressar os interesses da nova ordem, e o segundo visa ao estado mínimo, afastando-se gradativamente da escola pública e minimizando a manutenção dos serviços sociais. Esta padronização dos currículos não leva em consideração as diferentes culturas e realidades sociais existentes no país. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE, 1999)

A descentralização das competências educacionais com a promessa de repasses deixou as dependências administrativas locais jogadas a própria sorte. Criando uma discriminação entre as províncias ricas e pobres, obrigando as escolas a gerar recursos para a sua sobrevivência, restringindo o direito a educação pública com a introdução do ensino pago e o avanço da privatização do ensino público. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE, 1999, p. 32)

O sucateamento da rede pública, conforme mencionado anteriormente, é então resultado deste processo de mercantilização da escola. A escola passa a ser um mercado promissor e lucrativo. Ela passa a ser fornecedora de mão-de-obra, na qual as pessoas são programadas a não pensar e apenas atender a nova ordem econômica. Como se produzem mais trabalhadores do que é realmente necessário às indústrias, a mão-de-obra passa a ser barateada. A lei da oferta e procura estabelece este conceito, se um empregado não quer trabalhar por um determinado valor, outro em condições sociais piores, aceitará. (MÉSZÁROS, 2005)

Segundo Kuenze (2002) a pedagogia dominante neste contexto, embasada nas formas de divisão social e técnica do trabalho e da sociedade, tem por finalidade atender às demandas de educação dos trabalhadores e empresários a partir de uma clara separação entre as ações intelectuais e instrumentais, decorrentes das relações de classe bem definidas. No paradigma taylorista³/fordista⁴, criam-se várias modalidades de divisão do trabalho

³ **Taylorismo:** Em 1911, o engenheiro norte-americano Frederick W. Taylor publicou “Os princípios da administração científica”, ele propunha fracionar as etapas do processo produtivo de modo que o trabalhador desenvolvesse tarefas ultra-especializadas e repetitivas. Diferenciando o trabalho intelectual do trabalho manual. Fazendo um controle sobre o tempo gasto em cada tarefa e um constante esforço de racionalização, para que a tarefa seja executada num prazo mínimo.

pedagógico e escolar, que se constituem na expressão da divisão entre classes sociais no capitalismo:

1. **A dualidade estrutural:** definem-se os diferentes tipos de escola, segundo a origem de classe e o papel a elas destinado na divisão social e técnica e trabalho;
2. **A fragmentação curricular:** divisão do conhecimento em áreas e disciplinas trabalhadas de forma isolada;
3. **As estratégias taylorizadas de formação de professores:** agrupando os profissionais por especialidade, de modo a nunca discutir o trabalho pedagógico em sua totalidade;
4. **O plano de cargos e salários:** a contratação dos profissionais da educação jornadas de trabalho, de modo que eles se dividem entre diversas escolas, sem desenvolver sentido de pertinência a ela;
5. **A fragmentação do trabalho dos pedagogos:** nas distintas especialidades;

A escola por sua vez é reflexo da sociedade. A escola reproduz as mesmas relações sociais existentes fora dela e contribui para a continuidade da política econômica vigente. Desta forma, todo o conhecimento é ensinado de forma isolada, fragmentado e descontextualizado. O saber prático e o conhecimento científico também são distribuídos de forma desigual, contribuindo ainda mais para a alienação do indivíduo (trabalhador).

De acordo com esta conjuntura, a Escola de Educação Básica Getúlio Vargas é uma Escola Estadual Pública que atendeu no ano de 2009 a 2.439 crianças, alocadas desde o 1º Ano do Ensino Fundamental à 3ª Série do Ensino Médio. Estas crianças são oriundas de comunidades carentes (Saco dos Limões e Caeira) que se localizam próximas à escola. O Getúlio foi fundado em 12 de março de 1940, pelo Presidente Getúlio Vargas, no qual, plantou no meio do pátio escolar, como símbolo de sua visita, um Pau-Brasil. A escola completa 70 anos de história em 2010 e, por conta disto, passa por problemas estruturais,

⁴ **Fordismo** : O norte-americano Henry Ford foi o primeiro a pôr em prática, na sua empresa “Ford Motor Company”, o taylorismo. Posteriormente, ele inovou com o processo do fordismo, que, absorveu aspectos do taylorismo. Consistia em organizar a linha de montagem de cada fábrica para produzir mais, controlando melhor as fontes de matérias-primas e de energia, os transportes, a formação da mão-de-obra. Ele adotou três princípios básicos; **1)** Princípio de Intensificação: Diminuir o tempo de duração com o emprego imediato dos equipamentos e da matéria-prima e a rápida colocação do produto no mercado. **2)** Princípio de Economia: Consiste em reduzir ao mínimo o volume do estoque da matéria-prima em transformação. **3)** Princípio de Produtividade: Aumentar a capacidade de produção do homem no mesmo período (produtividade) por meio da especialização e da linha de montagem. O operário ganha mais e o empresário tem maior produção.
Fonte: Artigo eletrônico de Eliene Percília em <http://www.brasilecola.com/geografia/taylorismo-fordismo.htm>

administrativos e de ensino. (ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA GETÚLIO VARGAS, 2010)

Pode-se ressaltar alguns problemas estruturais, tais como: a pintura envelhecida da escola que não chama a atenção das crianças e dos pais e divulga uma imagem de “falência” do ensino; as três quadras de esporte que são geminadas e por conta disto podem causar acidentes entre as crianças e a confusão com a atuação pedagógica de vários professores na quadra; o piso desta quadra é de cimento e qualquer queda pode causar um acidente mais grave e, por último, estas quadras não são cobertas e as atividades em dias de chuva são suspensas.

Para resolução deste entrave, a governo do Estado de Santa Catarina construiu um Ginásio no local de uma quadra pré-existente. O ginásio foi construído com banheiro e chuveiros, mas sem a ligação de água e escoamento do esgoto, por isso, não se consegue utilizar estes banheiros. A acústica ruim do ginásio impossibilita muitas pessoas falarem ao mesmo tempo e serem compreendidas, e quando chove o local fica completamente lotado de alunos, juntando-se de três a quatro turmas ao mesmo tempo. Os professores de Educação Física ainda afirmam que:

O ginásio foi construído em um local errado, deveria ter sido construído em uma área chamada Areião. A empresa contratada utilizou aquela quadra para não precisar acertar o terreno para a construção do ginásio, sendo que a escola perdeu uma quadra boa para ganhar uma coberta. A opinião dos professores não foi atendida, sendo que eram eles que conheciam as necessidades da disciplina.

Percebe-se por este relato que os professores de Educação Física não têm voz ativa quando se discutem problemas dentro da própria disciplina. Estes professores reclamam da falta de material esportivo para as aulas, das más condições das quadras e da falta de apoio pedagógico. Eles culpam principalmente o governo estadual pelo descaso com as escolas públicas e por conta de seus salários baixos. Alguns professores têm outras profissões após o expediente de professor para melhorar seus ganhos mensais.

Estes professores já estão em fase final de carreira, faltando poucos anos para se aposentar. Em suas fisionomias e falas percebemos o cansaço de muitos anos lecionando e lutando por condições melhores de trabalho. Por conta deste cansaço, estes professores têm sido apenas mediadores entre os alunos, para que não haja briga entre eles no decorrer das aulas, atuando também como “guardiões” das bolas, para que as poucas bolas existentes não sejam perdidas ou mesmo roubadas.

Para não serem criticados, por conta desta ação, alguns professores disseminam a idéia de que estão incluindo os alunos, em um processo de “inclusão social”, pois os alunos

não estão sem fazer nada, não estão parados. Se os alunos estiverem praticando qualquer atividade física, para eles, estão incluindo-os e ajudando a sociedade, pois desta forma, estes alunos não vão estar na rua furtando ou assaltando as pessoas.

Ainda que respeitemos esses posicionamentos, avaliamos que estes professores estão excluindo os alunos de oportunidades de aprenderem novos conteúdos de educação física. Eles privam os alunos de aprenderem conteúdos da disciplina, de aprenderem com a prática esportiva a tolerância, o respeito, o espírito de equipe, companheirismo, enfim, o controle das emoções que são fundamentais para o completo desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Penso que estes professores não saibam realmente o que significa inclusão social, o que, aliás, é muito próprio das condições de trabalho que lhes são impostas, pois são criadas justamente para que os mantenham atuantes em condições de improviso e de adaptação ao desmonte da educação pública.

A realidade desta escola condiz com o temo mercoescola, pois os professores se sentem desprestigiados e esquecidos e não fazem nada sistemático e articulado para mudar esta situação. Além disso, em virtude de sucessivas licenças médicas, os professores ACT – Admitido em Caráter Temporário - têm aumentado e ao mesmo tempo diminuído a contratação dos professores efetivos. Assim, não se criam laços entre professor e escola, já que, a cada novo ano, este professor deve se alocar em uma nova escola. De fato, no Getúlio Vargas, a exemplo do que ocorre em toda Rede Pública de Ensino do estado de Santa Catarina, tem sido problemáticos tanto os afastamentos dos professores efetivos por motivos de saúde, quanto a contratação dos ACTs, repercutindo, visivelmente, na insatisfação dos estudantes e na interferência quanto à continuidade dos bons trabalhos pedagógicos ali realizados.

Desta forma, se faz necessária a reestruturação do ensino público, para que se possa distribuir o conhecimento de forma igual, para que se possa ensinar de forma a conscientizar as pessoas de como se organiza a nossa sociedade e, por fim, para que se criem indivíduos críticos sobre os mais diversos assuntos, possibilitando-lhes que tenham oportunidades iguais.

Sobre as relações entre classe social, trabalho e escola, nos limites desta pesquisa, percebemos que a escola pública oferecida para a classe social que vive do trabalho tem mais funcionado como um paliativo, como um amortecedor das tensões sociais, do que propriamente atuado na perspectiva das transformações das condições de vida e de saúde tanto dos trabalhadores da educação no Getúlio Vargas, quanto na formação para o trabalho do corpo discente.

Contudo, é preciso reconhecer, em meio a tantas dificuldades há profissionais verdadeiramente atentos e dedicados a possíveis mudanças profundas nas condições de ensino e de vida dos estudantes, os quais buscam, de diferentes formas, atuar sistematicamente e para além do exigido pelos seus contratos de trabalho rumo à superação. Infelizmente, apesar de todo esforço, pode-se afirmar que ainda representam atuações isoladas, com poucas possibilidades de efetivar transformações profundas, como desejam.

Em termos objetivos, a escola criada para controlar as insatisfações da classe trabalhadora e também controlar as crises mais profundas resultantes dessas insatisfações, tem atingido seus objetivos de manter a dependência dos trabalhadores e filhos de trabalhadores a esse sistema de organização capitalista que, ao mesmo tempo, emprega-desemprega; educa-deseduca; contrói-destrói.

3 CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS ESTUDANTES

As políticas capitalistas surgiram após a Revolução Industrial do século XVIII e disseminaram as idéias de que o "*homem e a sociedade são sujeitos e produtos da livre concorrência, da ação dos mais competentes, mais eficazes, cujas credenciais são resultantes da Liberdade suprema e edificante*". (Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, 1999, p. 27). Seguindo esta nova tendência, o Brasil e a maioria dos países adotou o capitalismo como gestor de toda sua economia e este têm sido o ditador e opressor de todas as ações referentes ao gerenciamento e funcionamento destes.

A globalização surge então desta política de mercado "livre" que visa à integração de todos os mercados internacionais, e para quem tem poder de compra, é possível adquirir tudo a qualquer hora e em qualquer lugar do mundo. Tanto os países ricos, os países em desenvolvimento e os pobres poderiam compartilhar tecnologias, mercadorias, capital, culturas e pessoas, mas não é o que acontece na prática. Este ideal libertário e desenvolvimentista não visa o fortalecimento econômico dos países mais pobres, pelo contrário, ele ludibria as pessoas a pensarem isso.

Uma das formas de ludibriar as pessoas é através dos meios de comunicação, como a televisão e internet. O capitalismo desenvolve toda uma propaganda para vender a sua imagem "limpa" para poder desta forma esconder a verdadeira realidade que nasce desta ideologia. Como os meios de comunicação são privatizados e por conta disto fazem parte do capitalismo, as pessoas são suprimidas de informações emancipatórias e cobertas de informações e pensamentos únicos. Cria-se um ritual sofisticado do culto ao mercado. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE, 1999)

Outra forma de iludir os brasileiros é a chamada exclusão digital, termo utilizado para designar distribuição desigual do acesso a computadores e à internet e por conseqüência, o abalo de algumas áreas econômicas, sociais e culturais (Sorj e Guedes, 2005). Sabe-se que muitos brasileiros não têm acesso à internet e não possuem computador, desta forma a falta de informação mantém as pessoas desinformadas e alienadas das realidades sociais em que estão inseridas.

Sorj e Guedes (2005, p. 105) reafirmam que:

O processo desigual de disseminação do computador entre a população das diferentes cidades do Brasil reflete sem dúvida o nível desigual de riqueza e escolaridade entre as diferentes regiões e cidades, em particular entre as populações pobres das regiões Norte e Nordeste e do Centro-Sul.

Percebe-se por estas afirmações que o capitalismo estimula a concorrência desleal entre as populações dos países ricos e dos países pobres, e entre os próprios países. Dentro desta ideologia de mercado, criam-se pequenas parcelas de pessoas com o poder financeiro, com acesso à boa educação e às informações, e uma grande parcela de pessoas trabalhadoras, sem acesso à maioria das informações e com má educação. Cria-se a partir disto desigualdades sociais que devem se manter a todo custo, para que assim continue a hegemonia do capitalismo e das elites.

Todos os países que almejem se tornar um país desenvolvido, perante esta lógica mercantilista e neoliberal do capitalismo, devem realizar um conjunto de medidas para se adequar às suas regras, tais como: redistribuição da renda dos mais pobres para os mais ricos, provocar o desemprego para baratear a mão-de-obra, privatizar as fontes de energia, os hospitais, as escolas, os presídios, transportes, comunicação, bens de capital e serviços. Estas últimas o Estado detinha o poder de investidor, já que a iniciativa privada não tinha interesse nestes serviços. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE, 1999)

O capitalismo impõe estas medidas, pois a sua lógica busca maximizar o lucro e diminuir os custos. O capital, que se confunde com as grandes empresas exploradoras, procura as condições ideais para a implantação de suas empresas, visando a sua produção em locais com baixos valores de salários, onde as leis são generosas e os impostos são menores. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE, 1999)

Onde o capitalismo se instala, criam-se desigualdades sociais e é a partir destas desigualdades sociais que surge a expressão "classe social", que é um termo que serve para designar vários fatores sócio-econômicos, tais como educação, bens, renda, habitação e ocupação e que serão parâmetros para informar a que classe social esta pessoa pertence. Por outro lado, também, pode significar divisões mais profundas da sociedade. (PEARCE, 1997)

Segundo a filosofia antiga, a natureza humana é que determinou a primeira forma de organização social e Aristóteles considerava que "*o homem é por natureza um animal social*". (Orso, Gonçalves e Mattos, 2008, p. 65). Por esta afirmação pode-se encontrar uma explicação para as constantes desigualdades sociais em virtude da natureza e pela lei de sobrevivência humana, atrelando a ela toda a responsabilidade e remediando o sistema econômico.

Um dos marcos para a divisão da sociedade em classes sociais foi o direito à terra, à propriedade privada e, por conseqüência, o direito à exploração. A terra foi considerada a primeira riqueza natural e permanece ainda hoje sendo cobiçada e indivisível. Outra forma de

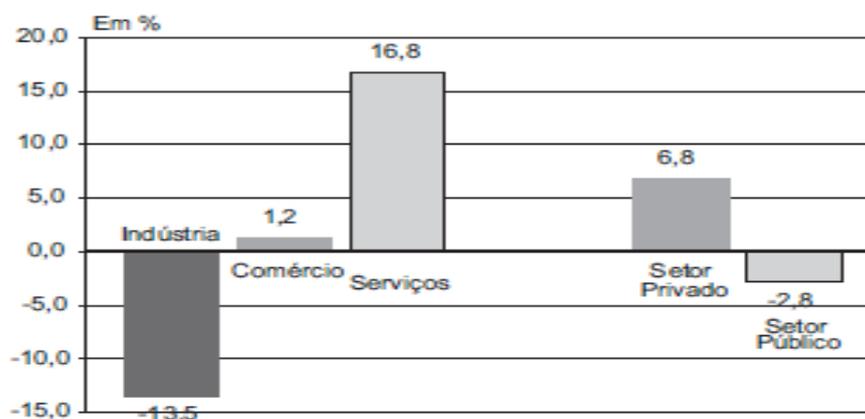
manutenção destas desigualdades sociais aconteceu também no sistema feudal correlacionado ao “direito divino”, onde a riqueza e o poder são considerados dádivas divinas. As dádivas humanas foram perdendo força e sendo deixadas de lado, num período chamado de Iluminismo. Surge então uma nova classe social chamada de burguesia e é a partir deste momento que se consolida o capitalismo. (ORSO; GONÇALVES; MATTOS, 2008)

Do capitalismo criam-se novas formas de relação e organização do trabalho. A classe trabalhadora passa a ser constituída pela somatória de todos os assalariados, mulheres e homens que vivem da venda de sua força de trabalho. A fragmentação e a terceirização do trabalho passam a ser peça chave na nova forma de organização do trabalho e do acúmulo de capital. (ANTUNES, 2005)

E isto acontece em virtude da nova forma de gestão das empresas que visam o “conhecimento e competência” do homem para o “enxugamento da empresa” e ganho de competitividade. Desta forma, aumenta-se o trabalho morto⁵ em substituição ao trabalho vivo⁶ e o desemprego cresce em escala acelerada em todo o mundo, bem como o número de trabalhadores informais e de serviços temporários. (ANTUNES, 2005)

Em pesquisa realizada por Chahad (2003), figura 1, mostra-se que a oferta de emprego nas indústrias e setor público obtiveram uma queda respectivamente de 13,5% e 2,8%, sendo que, o setor de comércio, serviços e setor privado tiveram um aumento de 1,2%, 16,8% e 6,8%. Observa-se que o setor de serviços foi o que mais cresceu, corroborando com a tendência de crescimento dos serviços terceirizados e com a política econômica vigente.

Figura 1. Crescimento dos ocupados, segundo setores de atividade econômica (1) e setores de ocupação Região Metropolitana de São Paulo – 1995



Fonte: Convênio Seade – Dieese. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.
(1) Setores de atividade econômica selecionados.

⁵ Termo utilizado por Marx, citado por ANTUNES (2005), para designar trabalho de máquinas.

⁶ Termo utilizado por Marx, citado por ANTUNES (2005), para designar trabalho humano.

Perante a isto, este novo tipo de produção racionalizado exigiu um novo homem, capaz de ajustar-se aos novos métodos da produção. Por isso tratou-se de articular novas competências a novos modos de viver, sentir e pensar, adequados aos novos métodos de trabalho caracterizados pela automação, ou seja, pela ausência de mobilização de energias intelectuais e criativas no desempenho do trabalho. (KUENZER, 2002)

Neste contexto, observou-se que os alunos oriundos da 3ª Série do Ensino Médio possuem as mais diversas funções, conforme tabela 1, sendo a ocupação de estágio, com apenas dois alunos, a mais freqüente.

Tabela 1. Tipo de ocupação.

Freqüência	Ocupação
2	Estágio
1	Promotor de vendas
1	Secretária
1	Ax. Serviços gerais
1	Copeiro
1	Garçom

De acordo com o decreto de nº 87.497/82, o estágio é definido como as aprendizagens de cunho social, profissional e cultural, proporcionada aos estudantes através da participação em atividades reais da vida e trabalho de seu meio, sendo realizado na comunidade, em partições públicas ou privadas, sob responsabilidade, orientação e coordenação da sua instituição de ensino. (PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, 2010)

O estágio tem sido uma porta de entrada para a contratação nas mais variadas empresas. Isto porque na contratação do estagiário não se criam vínculos empregatícios, o patrão pode a qualquer momento “mandar” o estagiário embora, ou ele mesmo sair da empresa, sem nenhum problema para ambas as partes. Deste modo, o patrão pode explorar, ensinar e qualificar seus profissionais sem gastos adicionais.

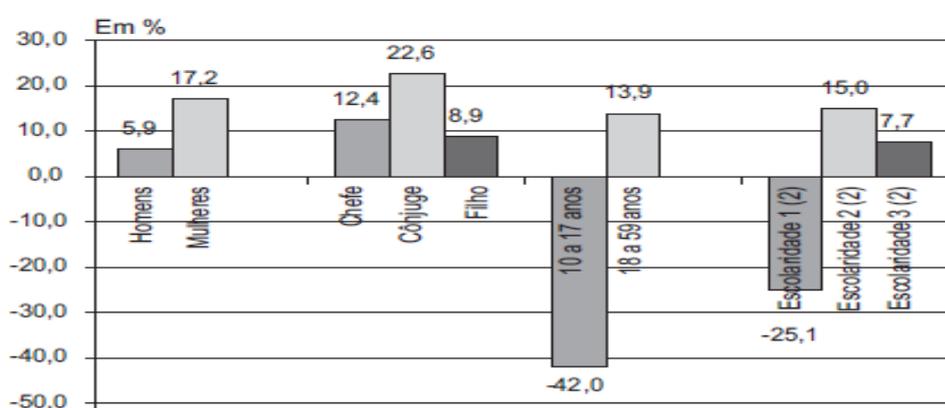
Analisando que a maioria dos alunos está cursando o segundo grau, observa-se que as atividades realizadas não necessitam de um grau elevado de instrução. Secretária, promotor de vendas, auxiliar de serviços gerais, copeiros e garçom são atividades que necessitam apenas da escolarização mínima, mas que rendem aos alunos carteira de trabalho assinada e garantias de segurança, mesmo que simbólicas.

Em pesquisa realizada por Chahad (2003), figura 2, mostra-se que os jovens entre 10 e 17 anos obtiveram um decréscimo nas ofertas de emprego. Isso se deve pelo fato da discriminação do trabalho jovem e da não-qualificação. Pode-se ainda ser considerado o fato

da legislação coibir o trabalho infantil e a elevação da idade mínima para se ingressar no mercado de trabalho.

Por mais que haja falta de emprego nesta faixa etária, que corresponde à faixa etária dos alunos entrevistados, percebemos, durante as observações das aulas de Educação Física, que praticamente todos os alunos entrevistados da turma da 3ª Série possuem uma ocupação. Pode-se ressaltar que um dos motivos possa ser que a formação no 2º grau não garante emprego e nem vaga nas universidades, por isso o ingresso mais cedo no mercado de trabalho.

Figura 2. Crescimento dos Ocupados, segundo Atributos Pessoais (1) Região Metropolitana de São Paulo – 1995-02



Fonte: Convênio Seade – Dieese. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.
 (1) Posição no domicílio, faixa etária e escolaridade selecionados.
 (2) Escolaridade: 1: Analfabeto; 2: Ens. Fundamental Completo e Ens. Médio Incompleto; 3: Superior Completo.

Quatro alunos, que representam 57,14% dos entrevistados, afirmaram que estas ocupações não representam necessidade econômica deles e nem de suas famílias. Os outros três alunos, que representam 42,86% dos entrevistados, afirmaram que necessitam trabalhar para sua necessidade e/ou necessidade familiar. Em pesquisa realizada por (SARRIERA, 2007) dos jovens investigados nesta pesquisa entre os alunos que trabalham, 31,3% utilizam o que ganham com gastos pessoais; 6,3% ajudam em casa; 6,3% gastam-no com lazer e 56,1%, em outras destinações.

Observou-se que os alunos ficaram envergonhados em citar as necessidades que o trabalho ajudava a sanar, por isso responderam apenas que sim e quando questionados falavam apenas em necessidades básicas. Da mesma forma aconteceu com alunos que responderam que não trabalhavam por necessidade, eles afirmavam que trabalhavam apenas por necessidades individuais, tais como sair com os amigos, ir para shows, sair com os(a)

namorados(a), dentre outros. Esta questão também pode ter sido influenciada por se tratar de uma entrevista, pela falta de intimidade com a entrevistadora e pela vergonha de apresentar a real necessidade econômica.

Nas visitas realizadas no Getúlio com objetivo de observar os alunos e em conversas com os professores e diretores da escola, observou-se que os alunos do período diurno eram oriundos de comunidades carentes e da classe social que vive do trabalho. Passam por muitas dificuldades financeiras e convivem com violência na sua comunidade. Neste relato, observam-se diferentes visões dos alunos do período diurno e noturno, pensando-se até que existam duas escolas diferentes no mesmo lugar.

Estes mesmos alunos, quatro deles trabalham oito horas por dia, sendo que apenas um dos alunos não faz sua hora de almoço e por isso trabalha nove horas. Os outros dois alunos trabalham quatro horas como estagiário. No estágio, conforme regulamentação federal, não se pode ultrapassar o limite de seis horas diárias de trabalho.

De acordo com a tabela 2, o tempo de deslocamento de casa para o trabalho e após do trabalho para casa, não ultrapassou mais que uma hora, somando-se as duas viagens. Percebe-se por estes dados que os alunos moram próximos aos seus locais de trabalho. A forma de deslocamento apontada pela maioria dos alunos é de transporte urbano com cinco alunos dependentes deste, sendo que apenas um apontou carro e um o uso de moto. Pode-se inferir que a maioria é dependente de ônibus em virtude dos entrevistados não terem atingido a maior idade e, por isso, eles ainda não têm o direito de dirigir, como apontado por um dos entrevistados.

Tabela 2. Tempo de deslocamento e forma de transporte.

Nº alunos	Horas (min/dia)	Nº alunos	Tipo de transporte
3	1 hora	5	Ônibus
2	30 min	1	Carro
1	20 min	1	Moto
1	Não sabe	-	-

Como se sabe o trabalhador brasileiro depende do transporte público para trabalhar, sobretudo as pessoas oriundas da classe social trabalhadora. Por mais que a frota de carros tenha aumentado, o transporte público ainda é a principal forma de locomoção urbana. O preço alto, cobrado por uma passagem de ônibus, ainda não tem coincidido com a qualidade de serviço prestado à população, inclusive e, principalmente, em Florianópolis. (BRASILEIRO, 1999)

Com relação ao gosto pelo trabalho (tabela 3), à vontade de continuar e seguir carreira nesta ocupação, seis alunos responderam que gostam do trabalho e um apenas respondeu que um pouco. No entanto, quatro alunos responderam que não querem permanecer no seu trabalho atual, dois responderam que sim e um não sabe.

Tabela 3. Gosto pelo trabalho e se pretende segui-lo.

Nº alunos	Gosta do trabalho?	Nº alunos	Pretende segui-lo?
6	Sim	4	Não
1	Um pouco	2	Sim
-	-	1	Não sabe

Os alunos pretendem seguir as mais variadas profissões, conforme tabela 4. A profissão mais citada foi a professor de Educação Física com três alunos pretendendo cursar, seguida pelo emprego público alcançado através de concursos públicos e ensinos técnicos, citado por dois alunos. Observou-se que os alunos que afirmaram que pretendiam fazer o Curso de Educação Física gostavam muito de praticar esportes e, por isso, a tendência em escolher este curso.

Em uma das entrevistas o aluno apontou que:

Não pretendia fazer faculdade porque era muito tempo perdido cursando-a. Preferia fazer um curso técnico que é mais rápido e às vezes ganha mais dinheiro que uma pessoa formada, ou mesmo, fazer o concurso público que é futuro garantido.

Esta visão de cursos técnicos tem sido disseminada em grande escala e tem sido ponto chave na campanha das últimas eleições. Esta forma de ensino atende apenas as necessidades do capitalismo em virtude de criar mão-de-obra especializada em pouco tempo e gasto menos com educação das faculdades, pois demanda menos candidatos por vaga em cada curso.

O concurso público é uma alternativa comum nos dias de hoje para a garantia vitalícia de emprego. Nas empresas privadas não é possível ter esta garantia, pois estas empresas dependem do mercado, das políticas econômicas e da produção de seus funcionários. Caso um destes sistemas não funcione, a primeira opção de melhora deste problema é a demissão do funcionário.

Tabela 4 – Profissão que pretende seguir

Profissão	Freqüência
Ed. Física	3
Ensino Tec. ou Concurso	2
Téc. Enfermagem	1
Radiologia	1
Engenheiro Civil	1
Direito	1

Com relação ao desgaste físico e mental oriundos do trabalho realizado, cinco alunos indicaram apenas dois problemas causados pelo trabalho em sua saúde, sendo que três afirmaram que ficam estressados e dois dizem que sentem cansaço físico. Apenas dois alunos afirmaram que não sentem nada após o seu trabalho, sendo que estes trabalhavam com estágio e apenas quatro horas diárias.

Foram poucos os alunos que afirmaram que o trabalho atrapalha em seus estudos. Com relação à contribuição do trabalho nos estudos, apenas um dos alunos, que corresponde a 14,28% do total de alunos, falou que: “*contribui através das relações sociais e das experiências adquiridas*”. Os outros seis, que corresponde a 85,72% dos alunos, afirmaram que o trabalho não contribui em nada em seus estudos. O trabalho pouco foi questionado sobre sua influência negativa nos estudos. Foram citados por três alunos apenas os problemas de falta de tempo para estudar e o horário de chegada na escola, os outros quatro responderam que não atrapalha em nada.

No decorrer das observações verificou-se que boa parte dos alunos que trabalha não chegava no horário de início da primeira aula, geralmente chegava atrasada ou quase no final dela. As aulas de Educação Física que aconteciam na primeira aula das terças e quintas-feiras eram sempre prejudicadas pela falta de alunos. Ficava até difícil de identificar os alunos da turma, já que a cada semana aparecia um novo aluno que ainda não tinha sido visto nas aulas anteriores.

Observa-se que estes dois pontos importantes, tanto horário quanto tempo de estudo, sempre acompanham os alunos trabalhadores. Quando se assumem graus mais elevados de estudo, como uma faculdade, observa-se que o tempo para o estudo se faz ainda mais escasso e o cansaço da dupla jornada atrapalha também os rendimentos e os estudos.

Dependendo do curso que se queira ingressar e com a necessidade de trabalhar para se sustentar, não é possível cursá-lo, já que muitos cursos demandam dos dois períodos ou até dos três períodos (matutino, vespertino e noturno) para as aulas. O curso de medicina, por exemplo, é um curso que demanda tempo exclusivo para estudo e o curso acontece em dois períodos.

Fica claro neste contexto, que os ingressantes nos cursos oferecidos pelas universidades são selecionados de acordo com as condições econômicas de cada pessoa. As profissões que possuem maior remuneração no mercado de trabalho são aquelas que demandam maior número de candidatos por vaga. Observa-se que a maioria dos alunos que passam no vestibular para estes cursos são alunos oriundos de escola particular e de cursinhos pré-vestibular.

Relacionando o que o estudo atrapalha no seu trabalho, 100% dos alunos apontaram que o estudo ajuda em muito no seu trabalho, principalmente com o conhecimento. Nenhum dos entrevistados apontou algum problema que o estudo traz para seu trabalho.

Relacionando o trabalho às questões de saúde individual, apenas um aluno apontou que o seu trabalho ajuda na sua saúde com planos odontológicos e de fisioterapia, demonstrando visão de saúde restrita à doença e tratamento. Três alunos apontaram que o trabalho atrapalha nas suas saúdes, conforme tabela 5, e os outros três apontaram que não atrapalha em nada em sua saúde.

Tabela 5. Em que o trabalho contribui e/ou atrapalha sua saúde

Questões	Frequência	Respostas
Contribui	1	1. Tem planos odontológicos, fisioterapia.
Atrapalha	3	1. Trabalha no hospital (contaminação com resíduos) 2. Estresse 3. Não tempo para fazer nada 4. Desgaste mental 5. Dores de cabeça e corpo 6. Má alimentação, não consegue comer direito.
Nada	4	-

Relacionando o que foi apresentado por um aluno a respeito dos planos de saúde, fica clara a dualidade existente nesta relação entre trabalhador e empregador. Primeiro, no momento da contratação e na escolha de um emprego, o trabalhador tende a optar pelo emprego que lhe proporcione benefícios, sendo um deles os planos de saúde, pois desta forma, não precisa depender do governo para cuidar de sua saúde. Quem depende do SUS – Sistema Único de Saúde - para se tratar de alguma doença sabe do sacrifício que é esperar nos hospitais e filas de exame. Segundo, os patrões recebem a garantia de que seu empregado está bem atendido, seu tempo em casa por doenças diminui e desta forma seu lucro é maior.

4 CONDIÇÕES DE LAZER DOS ESTUDANTES

Na época do trabalho escravo, na Grécia, o termo “ócio” não era entendido como um “tempo livre” do trabalho, mas sim á um tempo social de não trabalho, que era privilégio de uns poucos da pólis grega. Era percebido como as ações do homem livre orientada pela contemplação e reflexão dos supremos valores da época, dentre os quais a verdade, a beleza, a sabedoria, dentre outros. (MASCARENHAS, 2001)

No período Romano o ócio ganha outra conotação. Neste período o ócio deixa de ser antítese do trabalho e passa a ser entendido como o tempo de descanso do corpo e recreação do espírito, ou seja, passa a ter o significado de tempo livre do trabalho. Contraposto ao das classes dirigentes, o “ócio das massas” passa a ser patrocinado pelo estado, através da política do “pão e circo”, desta forma, tornando-se grande forma de controle das massas.

Na Idade Média, uma nova forma de visão, altera o significado do ócio. O ócio passa a ser marcado por um espírito eminentemente classista. Como retrata Mascarenhas (2001, p.2) *“se por um lado a indignidade do trabalho constitui-se como um dos fatores para o aparecimento de tal modo de se conceber o ócio, por outro, este último passa também a ser visto como uma demonstração de posses e riquezas que permitem uma vida de ociosidade”*. Neste contexto, o ócio passa a ser distintivo de classes.

O início da Idade Moderna é, sobretudo, marcado pelo puritanismo religioso preconizado pela reforma protestante. Novamente o ócio ganha um novo significado, agora sobre os princípios desta época, o trabalho se destaca como sinônimo de esforço pessoal para ascensão social e acúmulo de riquezas. *“Predestinados eram aqueles cujo trabalho materializava-se como semente de fortunas engendrando capital”* (p.3). O ócio então, passa a ser atribuído como tempo perdido, de distrações e de prazeres mundanos e há este tempo deve ser combatido. (MASCARENHAS, 2001)

Com a Revolução Industrial as novas formas de organização do trabalho e as novas tecnologias das indústrias, nos induzem a pensar que, o tempo livre aumentaria, mas na realidade, as exaustivas jornadas de trabalho diminuíram o tempo livre destas pessoas. O ócio neste contexto não existe, pois o tempo livre é encarado como tempo de descanso necessário para a recuperação das forças físicas do trabalhador. Por conta disto, os trabalhadores se organizaram e lutaram pela diminuição da jornada de trabalho e, desta forma, o tempo livre tal, da forma como conhecemos hoje, revela como uma conquista dos trabalhadores -se

organizados. Assim, novamente o ócio passa a ser direito dos trabalhadores, que almejam o direito a preguiça. (MASCARENHAS, 2001)

Com o direito ao tempo livre, passa-se a criar estratégias de controle deste tempo, para correta e adequada forma de emprego. Algumas manifestações do ócio deveriam ser combatidas para continuar com a produção e reprodução do capital. Desta forma, a escola, a família, as igrejas, os meios de comunicação, etc. passam a ter papel fundamental na regulação deste tempo. Entretanto, por mais que se tentasse ocupar o tempo livre dos trabalhadores com atividades relacionadas com o ideário dominante, o ócio e suas negativas manifestações sobreviviam, alterando e corrompendo a ordem socialmente estabelecida. (MASCARENHAS, 2001)

Para ocupação deste tempo livre e efetiva tentativa de acabar com o ócio, onde o ditado diz “mente vazia é oficina do diabo”, surge o lazer como forma de vacina para este mal-feito. Assim, Mascarenhas (2001, p. 3) afirma que:

Nasce então o lazer, vacina eficiente contra os hábitos doentios ainda presentes na ociosidade. Em substituição ao ócio, estendendo para toda a população o modo de vida presente nas formas de entretenimento, diversão e descanso burguesas, o lazer triunfa sobre o mal. Surge regando e ditando aquilo que é lícito – ou seja, *licere* – e permitido fazer em parte substancial de nosso escasso tempo livre.

Deste modo, o trabalho se faz a parte mais importante da vida humano e dele criam-se às interações humanas e suas relações sociais, dentre os quais o ócio e o lazer e seus significados, derivam desta prática. O lazer então, é um fenômeno moderno, resultante dos conflitos entre capital e trabalho, que se articula como um tempo e espaço, e vivências lúdicas, lugar onde se organiza a cultura, decorrida por relações de hegemonia. MASCARENHAS (2001)

Como o lazer faz parte do conjunto das atividades diárias realizadas no cotidiano da maioria das pessoas, ele também pode variar, tanto em qualidade como em quantidade, dependendo de quem o pratica (Neubert, 2006). Cunha (1987 apud SARRIERA et al, 2007, p. 362) refere-se que a este tempo livre estão ligadas as diferentes vivências culturais, aos hábitos adquiridos, o processo de socialização e as predisposições psíquicas da pessoa em questão. Assim, ele afirma que “*a forma como é desfrutado o tempo livre segue a estrutura social à qual pertence à pessoa, ou seja, subordina-se à sua conjuntura social, cultural, econômica, ideológica e física*”. (p. 362)

Após a Segunda Guerra Mundial o lazer passou a ser objeto de venda de muitas indústrias. Com a globalização e a disseminação das idéias capitalistas de consumo, o lazer tornou-se uma mercadoria com valores diferentes para cada tipo de público. De carros, motos,

shoppings ao turismo, a parques temáticos, a maior parte do lazer contemporâneo está mediada por produtos ou serviços vendidos em um mercado de massas diferenciados. Vemos também a dimensão do lazer crescendo como cultura de consumo, disseminado pelos meios de comunicação e internalizado nos processos e hábitos de consumo (TASCHNER, 2000).

A esta esfera de consumo Mascarenhas (2005) concerne o nome de “Mercolazer”. Este termo procura traduzir a tendenciosa mercantilização do lazer, quando assume o papel de mercadoria propriamente dita. Pois se, já esta intrínseco na vida das pessoas a mercantilização, como interpretador e organizador da vida, o mercolazer também assume esta esfera social. É certo que ainda existam modalidades de lazer que não são cobradas e que ainda não são refratárias às relações mercantis, tais como: soltar pipa, o almoço de domingo, o futebol de várzea, à caminha no final da tarde, o jogo de dominó com os amigos, etc.

Frente a esta realidade concreta, traduzida pelo mercolazer, Mascarenhas (2005) propõe uma alternativa para este lazer concretizando-se em um “outro lazer”. Este lazer chamado de “lazerania” deveria romper com a sociedade atual e pensar em uma sociedade “para além do capital”, onde as pessoas possam usufruir de seu tempo livre sem a lógica de sobretrabalho subordinada a lógica de mercado.

A “lazerania” tem como objeto central de preocupação a educação, sempre buscando proporcionar meios e condições aos sujeitos que de seu exercício tomam parte para refletirem sobre suas condições de vida e sobre a sociedade mais ampla na qual estão inseridos, possibilitando-lhes não só o acesso, mas o entendimento do lazer como manifestação de uma cultura e como possível instrumento de ligação com sua realidade. (MASCARENHAS, 2005, p. 4)

Após a Segunda Guerra Mundial o lazer passou a ser objeto de venda de muitas indústrias. Com a globalização e a disseminação das idéias capitalistas de consumo, o lazer tornou-se uma mercadoria com valores diferentes para cada tipo de público. De carros, motos, shoppings ao turismo, a parques temáticos, a maior parte do lazer contemporâneo está mediada por produtos ou serviços vendidos em um mercado de massas diferenciados. Vemos também a dimensão do lazer crescendo como cultura de consumo, disseminado pelos meios de comunicação e internalizado nos processos e hábitos de consumo (TASCHNER, 2000).

Como o lazer faz parte do conjunto das atividades diárias realizadas no cotidiano das pessoas, ele também pode variar, tanto em qualidade como em quantidade, dependendo de quem o pratica (Neubert, 2006). Cunha (1987 apud SARRIERA et al, 2007, p. 362) refere-se que a este tempo livre estão ligadas as diferentes vivências culturais, aos hábitos adquiridos, o processo de socialização e as predisposições psíquicas da pessoa em questão. Assim, ele afirma que *“a forma como é desfrutado o tempo livre segue a estrutura social à qual pertence*

a pessoa, ou seja, subordina-se à sua conjuntura social, cultural, econômica, ideológica e física.”

Neste contexto, perguntando aos alunos o que eles usufruem de seu lazer nas suas horas livres (tabela 6), eles responderam que freqüentam: academia, cinema, festas, shopping, restaurantes, shows, fazem atividades físicas e freqüentam a praia. Dentre estas atividades, a mais apontada foi o esporte - futsal/futebol com cinco citações, após veio cinema e festas com três e com dois citações academia e a prática de vôlei. As demais obtiveram apenas uma citação.

Tabela 6. Práticas de lazer em locais públicos e privados

Privado		Público	
Freqüência	Locais	Freqüência	Locais
5	Jogar Futebol/Futsal	5	Jogar Futsal (no colégio)
3	Festa/Balada/Bares/Sair com os amigos	2	Vôlei (no colégio)
3	Cinema	1	Praia
2	Academia	1	Exercício Físico (ed. Física)
1	Internet	1	Skate (pista da praça da costeira)
1	Shopping	1	Academia da Prefeitura
1	Restaurantes	1	Surfar
1	Shows	1	Tênis de mesa (no ginásio da prefeitura)

O futsal é o esporte mais praticado no país e em nossa pesquisa ele aparece como a prática mais realizada tanto em locais públicos como privados, não considerando a prática realizada nas aulas de Educação Física. A prática do futsal e do vôlei foram indicadas como praticados mais aos finais de semana e nas quadras da escola. A escola fica aberta nos finais de semana por conta de um projeto denominado de “Escola Aberta” que disponibiliza para os alunos e comunidade projetos educacionais e de esporte.

Estes resultados corroboram com a pesquisa realizada por Oliveira (2006) que mostra que os cinco alunos desta pesquisa, que corresponde a 100% dos alunos na faixa etária de 13-18 e 14-20 anos, meninos e meninas respectivamente, os indivíduos desta pesquisa também têm como prática de lazer, fora de casa, o futsal como principal esporte praticado e paralelamente a prática de conversar com os amigos.

Com relação aos dias em que são realizadas as atividades de lazer, três alunos realizam atividades de lazer todos os dias da semana e em horários diferenciados, correspondendo a 42,85% dos alunos. Três alunos afirmaram que só disponibilizam horário para o lazer nos finais de semana, correspondendo a 42,85% dos alunos. E apenas um aluno informou que não tem tempo para o lazer em virtude de trabalhar aos finais de semana, correspondendo a 14,30% dos alunos. Geralmente ele consegue realizar alguma atividade uma vez ao mês.

Com os dados apresentados anteriormente, comprova-se que o tipo de trabalho realizado influencia na realização ou não do lazer e da prática de lazer escolhida. Um dos alunos só consegue realizar seu lazer uma vez ao mês, isto porque ele é garçom e trabalha todo final de semana. Já os que não trabalham aos finais de semana, tem mais tempo livre e o utilizam para as mais variadas tarefas, incluindo o lazer.

Fazendo uma reflexão sobre os locais públicos ou privados que os alunos não teriam acesso e gostariam de ter, eles apontaram com maior frequência “nada” com duas afirmações. Aparentemente estavam satisfeitos com os locais de lazer que tinham acesso e que conheciam em sua comunidade. Os demais apontaram locais diferentes, tais como: Fernando de Noronha (como viagem), esporte nas dunas, teatro, biblioteca, quadras de esporte, áreas de lazer e Clube de esporte Elase.

A falta de acesso a estes locais foi citada por duas vezes pelos alunos por falta de dinheiro, descaso por parte do governo, não atribuem a nada e a falta de espaço para construção em sua comunidade. Apenas um aluno apontou que não sabe aonde tem este local, sendo que estava se referindo ao teatro.

Relacionando o trabalho à contribuição ou causa de problema na realização do lazer, observou-se que apenas um aluno apontou que o trabalho contribui com o lazer através do dinheiro. Percebe-se que esta visão de lazer privado está muito disseminada nos últimos anos. E isso se dá através das indústrias de lazer, que se transformaram em um mercado lucrativo e em grande expansão, em virtude da diminuição dos espaços públicos de lazer e a precarização dos espaços existentes, tais como praças e parques.

Tabela 7. Em que o trabalho contribui e/ou atrapalha seu lazer

Questões	Frequência	Respostas
Contribui	1	1. Contribui com o dinheiro
Atrapalha	3	1. Falta de tempo 2. Serviço para fazer em casa 3. Sair para festas 4. Cansaço
Não atrapalha	4	-

Outros três alunos informaram que o trabalho atrapalha o seu lazer, conforme tabela 7 e três informaram que o trabalho não atrapalha em nada o seu lazer.

5 RELAÇÃO ENTRE TRABALHO, LAZER E SAÚDE

Como afirmado anteriormente, do trabalho se definem as ocupações de cada indivíduo na esfera social. O trabalho é visto por Parker (1978 apud NEUBERT, 2006, p. 26) como a parte mais importante na vida da pessoa e o lazer como algo secundário. Assim o trabalho exerce sobre o lazer a influência do tempo, em que se determina o tempo que o primeiro dure, para que em seguida, o segundo venha a ser realizado. Da mesma forma que o tipo de trabalho também influencie o lazer a ser realizado.

Continuando esta relação, Neubert (2006) faz uma analogia sobre a relação entre trabalho e lazer segundo Dumazedier (1979). Este autor faz esta analogia numa perspectiva socialista sobre a sociedade, reafirmando que o trabalho é a primeira necessidade do homem, portanto, o lazer é considerado como o tempo de recuperação necessário para outro dia de trabalho. O lazer, neste caso, cumpre sua função em relação às necessidades de produção e reprodução do capital.

A partir dos anos 90, com a disseminação das tecnologias da política neoliberal, o trabalho passa a exigir maior conhecimento intelectual dos trabalhadores. O trabalho passa a ser automatizado, realizado com maior rapidez, precisão e demandando menos esforço humano. Assim, segundo Paul Lafargue (1980 apud NEUBERT, 2006, p. 26), com os benefícios gerados pelas novas tecnologias, deveria oportunizar aos trabalhadores o direito de usufruir da moleza, mas não é o que acontece.

Muitas ocupações exigem excessivamente a parte mental, física e social da pessoa. Este tipo de trabalho pode ocasionar problemas graves de saúde em seu trabalhador, sendo que este, por sua vez, não sabe que está com ela. O estresse, doença surgida com a modernidade, é uma das principais doenças em foco quando se fala em doenças de ordem psicológica, sem mencionar as depressões que hoje são causas freqüentes de afastamento do trabalho.

Antunes (2005, p. 140) identifica:

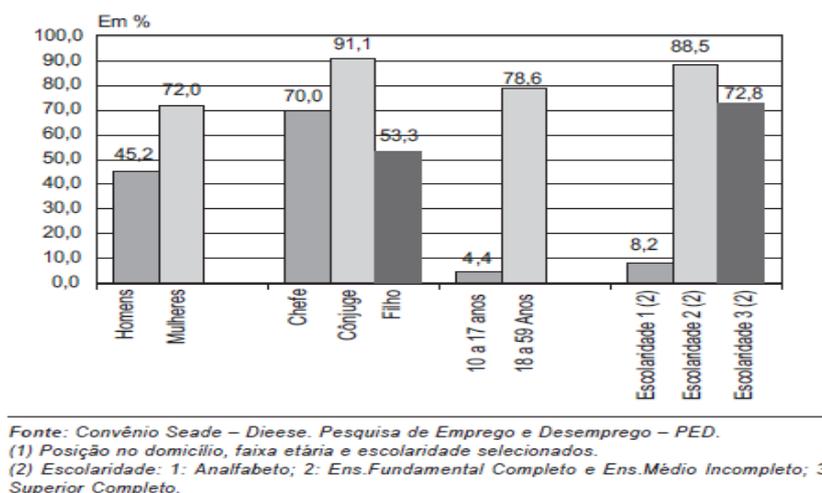
Quando a vida humana se resume exclusivamente ao trabalho, ela freqüentemente se converte num esforço penoso, alienante, aprisionando os indivíduos de modo unilateral. Se, por um lado, necessitamos do trabalho humano e reconhecemos seu potencial emancipador, devemos também recusar o trabalho que explora, aliena e infelicitiza o ser social. Essa dimensão dúplice e dialética, presente no trabalho, é central quando se pretende compreender o labor humano.

Por outro lado, os desempregados também sofrem com doenças ocasionadas pela falta de trabalho. A auto-estima baixa e o estereotipo do desempregado fazem com que o trabalhador se sinta incapaz de conseguir um emprego, levando-o a procurar outras

alternativas de ganho de dinheiro. Por isso a crescente onda de violência, venda de drogas, prostituição, assaltos, roubos, dentre outros.

Em pesquisa realizada por Chahad (2003), mostra-se que o desemprego aberto⁷ tem penalizado os grupos de mulheres, cônjuges, trabalhadores adultos (com mais de 18 anos), e pessoal com educação intermediária e superior, conforme figura 2.

Figura 3. Crescimento dos Desempregados em Situação de Desemprego Aberto, segundo Atributos Pessoais (1) Região Metropolitana de São Paulo – 1995-02



Neste contexto, o tipo de lazer vai ser realizado de acordo com as condições financeiras, psicológicas e tipo de trabalho de cada pessoa. Quem tem condições financeiras de comprar o seu lazer, pode ir aos cinemas, shows, bares, restaurantes, dentre outros. Quem não o tem, procura outras alternativas como as praças, praias, parques, entre outros, para a realização do seu lazer.

⁷ O desempregado não está envolvido em nenhuma atividade que lhe garanta alguma renda.

6 CONCLUSÕES

Ao final deste trabalho, pudemos chegar a algumas conclusões que precisam ser aprofundadas por novos estudos na mesma realidade investigada da EEB Getúlio Vargas, considerando-se que a temática é extremamente complexa e merecedora de abordagens investigativas sistemáticas.

Assim, pontualmente, chegamos às seguintes conclusões:

Relação com o trabalho:

- Os alunos da 3^o série do ensino médio trabalham por necessidade. Mesmo que afirmem que trabalham apenas por necessidade individual, observa-se que os pais não conseguiriam sanar todas as suas necessidades, tais como roupas, participações em shows e em atividades esportivas, por exemplo.
- A maioria dos alunos trabalha 8 horas diárias e em empregos que não necessitam de 2^o grau completo; a maioria pretende cursar faculdade e ensinos técnicos posteriormente.
- O trabalho para os alunos não é encarado como problema, tanto para sua saúde como para seus estudos. No entanto, deixam transparecer que reconhecem que o trabalho atrapalha em sua saúde com estresse e cansaço físico, e nos estudos com a falta de tempo para estudar e o horário de chegada na escola.

Relação com o lazer:

- Os alunos utilizam seu tempo de lazer com as mais variadas atividades, tanto pública quanto privada. Destaca-se o futebol sendo realizado em locais pagos e públicos (na quadra da escola) e o cinema e festa/balada/sair com os amigos que foram a segunda atividade mais citada em locais privados.
- Os alunos geralmente possuem mais tempo de lazer nos finais de semana, sendo que apenas alguns alunos informaram que realizam atividades diariamente.
- Para eles, o trabalho atrapalha o seu lazer através da falta de tempo e acúmulo de serviços levados para casa.
- Os alunos já estão acostumados com o tipo de lazer a que têm acesso, pois foram poucos locais citados a que eles não têm acesso, mas gostariam de ter.

Relação com a escola:

- Tais alunos apresentaram bons modos, responsabilidade e respeito durante as aulas de educação física e entrevista. Observou-se que estes alunos possuem diferenças de comportamento comparando-se com os alunos da mesma série, mas de turno contrário. Enquanto que no turno da noite poderia-se ministrar uma aula de educação física sem problemas relacionados a respeito dos alunos e turma correta e inteira no ginásio, no turno da manhã não é possível, já que a forma como se conduz todas as aulas de educação física é simplesmente emprestar a bola para os alunos.

- Os alunos visivelmente não aparentavam passar por necessidades financeiras ou serem pobres. Vinham bem vestidos para a escola, com roupas e mochilas de marcas de status reconhecido. Alguns tinham cordões e tatuagens.

- O sucateamento desta escola condiz com a política econômica vigente e ao público que esta escola atende.

- A forma como se organiza a educação física condiz com a forma como se organiza o trabalho. Hoje a educação física desta escola discrimina os alunos por falta de conteúdo e ao mesmo tempo, dissemina a idéia de inclusão social.

REFERÊNCIAS

- AKKARI, A. J. **Desigualdades educativas estruturais no Brasil: entre estado, privatização e descentralização.** *Educ. Soc.* [online]. 2001, vol.22, n.74, p. 163-189.
- ANTUNES, Ricardo. **O Caracol e sua Concha: Ensaio sobre a Nova Morfologia do Trabalho.** *Sociología del Trabajo en el Instituto de Filosofía y Ciencias Humanas de la Universidad de Campinas (UNICAMP)*, 2005.
- BARATA, Rita Barradas. **Condições de vida e situação de saúde.** 20. ed. Rio de Janeiro: Abrasco, 1997. 276 p.
- BRASILEIRO, Anísio; TURMA, Etienne Henry &. **Viação Ilimitada: Ônibus das Cidades Grandes.** *Transportes*, São Paulo, p.97-107, 1999.
- CHAHAD, José Paulo Zeetano. Tendências recentes no mercado de trabalho: pesquisa de emprego e desemprego. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, p.205-217, 2003.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p.20-29, maio 1995.
- KUENZER, Acacia Zeneida. . **Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho.** In: Lombardi, J.C; Saviani, D; Sanfelice, J.L.. (Org.). *Capitalismo, Trabalho e Educação*. 1 ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2002, v. 1, p. 77-96
- MASCARENHAS, Fernando. **Lazer e trabalho: liberdade ainda que tardia.** In: SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 2., 2001. Belo Horizonte. Coletânea... Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2001. p. 81-93.
- MATIELLO JÚNIOR, Edgard; CAPELA, Paulo; BREILH, Jaime (Org.). **Ensaio alternativos latino-americanos de educação física, esporte e saúde.** Florianópolis: Copiart, 2010.

MÉSZÁROS, Istvan. **A Educação para Além do Capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005. 128 p.

NEUBERT, Luiz Flávio. **Atividades diárias e desigualdade social::** um estudo sobre o tempo de lazer e o tempo de trabalho remunerado em Belo Horizonte.. 2006. 88 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Departamento de Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

OLIVEIRA, Anderson Castro de. **Hábitos de vida e perfil socioeconômico de escolares praticantes de karatê do projeto Esporte Social do município de São José/SC**. 2006. 62 f. Monografia (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desportos, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ORSO, Paulo José; GONÇALVES, Sebastião Rodrigues; MATTOS, Valci Maria. **Educação e Luta de classes:** Classes Sociais, lutas de classes e movimentos sociais. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 144.

PEARCE, Neil. **Equidade e saúde: contribuições da epidemiologia**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Abrasco, 1997.

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. **Estágios**. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/ensino/estagios>>. Acesso em: 21 nov. 2010.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA GETÚLIO VARGAS. **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: <<http://www.eebgetuliovargas.sed.sc.gov.br>>. Acessado em: 06 dez. 2010.

SARRIERA, Jorge Castellá et al. Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular. **Psicologia Reflexões Crítica**, [s. L.], v. 20, n. 3, p.361-367, 2007.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PORTO ALEGRE (Brasil). Escola Cidadã: Construindo sua Identidade. **Paixão de Aprender**, Porto Alegre, n. 9, p.01-06, 1999.

SORJ, Bernardo; GUEDES, Luís Eduardo. Exclusão Digital. **Novos Estudos**: CEBRAP, [s.l.], n. 72, p.101-117, jul. 2005.

TASCHNER, Gisela. Lazer, Cultura e Consumo. **Rae - Revista de Administração de Empresas**: Administração Mercadológica, São Paulo, v. 40, n. 4, p.38-47, out. 2000.

7 ANEXOS

ANEXO A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

TRABALHO

1. Sexo: M [] F []
2. Qual a sua idade? _____ anos
3. Qual é o seu trabalho (ocupação)? _____
4. Trabalha por necessidade econômica?
5. Número de horas trabalhadas por dia? Tempo de deslocamento? Forma de deslocamento? Tempo de descanso no trabalho?
6. Gosto pelo trabalho e reconhecimento (social) por ele?
7. Você tem desejo de prosseguir no mesmo trabalho (perspectiva de desenvolvimento pessoal)?
8. O trabalho consegue satisfazer as necessidades individuais e da família?
9. Qual o desgaste físico e mental no trabalho?
10. Em que o trabalho contribui e em que atrapalha os seus estudos?
11. Em que o estudo contribui e em que atrapalha no seu trabalho?
12. Em que o trabalho contribui /atrapalha sua saúde?

LAZER

13. O que gosta de fazer como lazer?
14. Quais os locais públicos ou privados de lazer que frequenta?
15. Quais os locais públicos ou privados de lazer que você não tem acesso e gostaria de acessar?
16. A que atribui a falta de acesso (distância, \$, discriminação social)?
17. Tempo que disponibiliza para o lazer (dias, horários, tempo)?
18. Em que o trabalho contribui /atrapalha seu lazer?

ANEXO B**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Universidade Federal de Santa Catarina Departamento de Educação Física – Centro de Desportos Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996, segundo o Conselho Nacional de Saúde.

Eu _____ acei to livremente participar do estudo “Condições de Vida e de Saúde como determinantes do “Estilo de Vida” conduzido por Kenia de Andrade Martins, acadêmica do Curso de Educação Física (UFSC) sob orientação do Prof. Dr. Edgard Matiello Júnior, docente do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Propósito do Estudo: relacionar e refletir as privações no contexto do trabalho, saúde e lazer.

Participação: Ao concordar em participar, deverei estar à disposição para responder a uma entrevista sobre questões ligadas ao trabalho e lazer relacionados com minha saúde.

Este estudo não trará riscos para minha integridade física ou moral.

Privacidade – Minha identificação será mantida em sigilo, sendo que os resultados do presente estudo poderão ser divulgados em congressos e publicados em revistas científicas.

Minha participação é, portanto, voluntária, podendo desistir a qualquer momento do estudo, sem qualquer prejuízo para mim. Pela minha participação no estudo eu não receberei qualquer valor em dinheiro.

Florianópolis, ___ / ___ / ____

Assinatura do participante _____.

Assinatura da pesquisadora _____.